

Relações translíngue entre o espanhol e o mapudungun na paisagem linguística do estallido social chileno (2019-2020)

Translingual relations between Spanish and Mapudungun in the linguistic landscape of the Chilean social outbreak (2019-2020)

Priscila Marinho *

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Brasil

Resumo: O propósito do presente artigo é levantar questionamentos, a partir da glotopolítica, ao se tematizar as relações tensivas que se estabelecem entre a língua nacional e as línguas minorizadas, no bojo do processo histórico de consolidação dos Estados-Nações (ANDERSON, 2008), salientando, nesta problemática, o atravessamento de práticas translíngues e gestos contrapedagógicos. Para tanto, partindo da noção de paisagem linguística (LAUNDRY & BOURHIS, 1997) analisaremos trânsitos linguísticos entre o espanhol, como língua nacional, e o mapudungun (língua mapuche), como língua minorizada, deflagrados à época do estallido social chileno (2019-2020) em Santiago. Nosso quadro teórico-metodológico está alicerçado a partir da análise de discurso de extração pecheutiana. Neste sentido, nossa problemática materializa-se a partir da seguinte pergunta: de que maneira o estallido social impacta na paisagem linguística chilena? Em linhas gerais, nossa análise reforça que a situação de contato entre o espanhol e o mapudungun apreendida na paisagem linguística relativa ao estallido social coloca em evidência uma dinâmica inerentemente fluida que, enquanto gesto contra-hegemônico, enseja a propagação de novas políticas linguísticas, convidando a mudanças no status quo concernentes às históricas relações conflituosas estabelecidas entre o Estado chileno e os Mapuche.

Palavras-chave: Paisagem linguística. Análise de discurso. Translíngua. Estallido social. Mapuche.

Abstract: The purpose of this article is to raise questions, from a perspective of glottopolitics, by addressing the tense relationships established between the national language and minority languages within the historical process of nation-state consolidation (ANDERSON, 2008). This discussion highlights the intersection of translingual practices and counterpedagogical gestures. To this end, drawing on the notion of linguistic landscape (LAUNDRY & BOURHIS, 1997), we will analyze linguistic transitions between Spanish, as a national language, and Mapudungun (a Mapuche language), as a minority language, triggered by the Chilean social outbreak (2019-2020) in Santiago. Our theoretical-methodological framework is grounded in discourse analysis of Pecheutian origin. In this sense, our problem arises from the following question: how does the social outbreak impact the Chilean linguistic landscape? In general terms, our analysis reinforces that the situation of contact between Spanish and Mapudungun captured in the linguistic landscape related to the social outbreak highlights an inherently fluid dynamic that, as a counter-hegemonic gesture, gives rise to the propagation of new linguistic policies, inviting changes in the status quo concerning the historical conflictual relations established between the Chilean State and the Mapuche.

Keywords: Linguistic landscape. Discourse analysis. Translanguaging. Social outbreak. Mapuche.

* Doutora em Língua Espanhola pela Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas (PPGLEN), Faculdade de Letras, UFRJ. Pós-doutoranda pelo mesmo Programa. Bolsista FAPERJ – Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, Processo SEI 260003/000295/2024. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6079-6336>

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo vincula-se ao projeto de pós-doutorado em andamento denominado “Wallmapu libre, dizem as ruas: o estallido social chileno como agenciamento translíngue e gesto contrapedagógico do contemporâneo”. Como temática, focalizamos as relações tensivas que se travam entre as chamadas “língua nacional” e “línguas minorizadas”, a partir da glotopolítica, levando em conta o processo histórico de consolidação dos Estados-Nações (Anderson, 2008) e examinando, nesta problemática, o atravessamento de práticas translíngues e gestos contrapedagógicos. A partir dessa premissa, nossa problemática materializa-se por meio da seguinte pergunta: de que maneira o estallido social impacta na paisagem linguística chilena?

Neste artigo, recortaremos análises relativas aos trânsitos linguísticos entre o espanhol e o mapudungun (língua mapuche) deflagrados à época do estallido social chileno (2019-2020) em Santiago, partindo da noção de paisagem linguística (Laundry & Bourhis, 1997). Entendemos tais construtos provenientes de situações de contato entre línguas e culturas como materialização da translíngua, dinâmica inerentemente fluída que, enquanto gesto contra-hegemônico, enseja a propagação de novas políticas linguísticas, convidando a mudanças no status quo imperante, sobretudo, as que concernem às relações historicamente conflitantes desencadeadas entre o Estado chileno e os Mapuche.

2 QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Nosso quadro teórico-metodológico se alicerça na análise de discurso pecheutiana (AD), mobilizando o campo da glotopolítica (Bordieu, 2008; Lagares, 2018; Guespin & Marcellesi, 2021 [1986]) e dos estudos translíngues e contrapedagógicos (Canagarajah, 2011, Wei, 2011, 2018; García & Vogel, 2017, Segato, 2018; Rocha e Megale, 2023).

A glotopolítica é um campo que se debruça sobre quaisquer atitudes de ordem social cujo efeito recaia sobre a linguagem (cf. Guespin e Marcellesi, 2021 [1986]). Já a translíngua, entendida a partir de um paradigma pós-estruturalista, alude às práticas inerentemente fluídas e dinâmicas que desestabilizam as fronteiras entre as línguas colocando em circulação novas configurações possíveis (Cf. Canagarajah, 2011). No tocante à noção de contrapedagogia (Segato, 2018) interpretamos enquanto um gesto contrahegemônico que atravessa e constitui as práticas translíngues uma vez que constituem um mecanismo de subversão e transgressão ao paradigma monolíngue¹. Entendemos a expressão “língua nacional” como um construto que reflete uma “língua imaginária” construída sob a égide dos estados nacionais e que funciona de modo a-histórico, homogêneo e uno (cf. Celada & Fanjul, 2022). Já a noção de língua minorizada diz respeito às línguas segregadas pelo Estado-nação, como, por exemplo, as línguas originárias que convivem de modo desigual no tocante às relações de prestígio e à distribuição de usos dentro de uma sociedade.

1 Para uma discussão teórico-epistemológica mais aprofundada relativa às noções de glotopolítica, translíngua e contrapedagogia, indicamos MARINHO, 2024.

3 A SITUAÇÃO MAPUCHE NO CHILE E O ESTALLIDO SOCIAL

Os mapuche constituem uma etnia indígena originária da porção centro-sul da América. Seu território, denominado Araucanía, é chamado Wallmapu em mapudungun (língua mapuche), correspondendo à extensão atual do centro-sul do Chile. Historicamente, a relação entre os mapuche e o Estado chileno sempre foram marcadas por violentos conflitos bélicos pela posse de terra. Tal conflito territorial repercutiu na situação diglósica protagonizada pelo espanhol e pelo mapudungun dentro da sociedade chilena. A língua espanhola, enquanto uma língua hegemônica de Estado, simboliza o aspecto monolíngue e monocultural do Estado-nação.

Durante o estallido social (2019/2020) – concebido como uma cadeia em série de protestos populares que irromperam nas ruas chilenas, começando por Santiago, contra o neoliberalismo extremo efetuado pelo governo Sebastián Piñera (2018-2022) – a pauta mapuche ocupou uma posição de destaque. As ações do governo Piñera de reabastecer a militarização da Araucanía/Wallmapu, por meio da política estatal conhecida historicamente como *Pacificación de la Araucanía*, destinando verbas públicas para o treinamento de carabineros (polícia chilena) na região, contribuiu para o desgaste das já frágeis relações entre os indígenas e o Estado. Durante os protestos urbanos que marcaram o estallido, a causa mapuche se presentificou metonimicamente tanto através da *Wenufoye* (bandeira que simboliza os povos originários) como pelas diversas imagens de Camilo Catrillanca, o comunero mapuche que havia sido morto no confronto policial alguns meses antes.

4 ANÁLISES DISCURSIVAS

Em nossas análises, observamos a paisagem linguística (LAUNDRY & BOURHIS, 1997) da região metropolitana de Santiago durante a eclosão do estallido social. A noção de paisagem linguística refere-se, grosso modo, à visibilidade das línguas na sinalização pública e/ou comercial de um determinado território ou região, dando pistas das suas implicações glotopolíticas. Indiciando a relação entre o espanhol e o mapudungun, uma alteração considerável se materializou na paisagem linguística de Santiago por meio de rayados (grafites) distribuídos em muros, praças, monumentos ou mesmo fachadas de prédios e de estabelecimentos comerciais. Passemos à efetiva análise por meio da observação das figuras seguintes, que compõem a paisagem linguística da Avenida Libertador Bernardo O'Higgins, popularmente conhecida como La Alameda:

Figura 1 – *Estallido social* no Chile (2019/2020) I



Fonte: www.laciudadcomotexto.cl.

Na Fig. 1, destacamos alguns enunciados, materializados mediante grafites: “EVADE aqui (sic) se lucra EVADE!” e “El capital carga, el gobierno apunta, la policía dispara!”, em que se demonstra a aliança – dentro do neoliberalismo (extremo) de ultra-direita representado pelo governo Piñera – entre empresariado, Estado e militarismo, por meio dos significantes “capital”, “gobierno” e “policía”. Estes enunciados estão materializados na porta de um estabelecimento bancário, que em certa altura da eclosão das manifestações, estavam fechados e cobertos, completamente sem identificação. O enunciado “Aqui (sic) se lucra” reforça esse efeito de sentido financeiro. Acima dele, a formulação “1000 veces venceremos!!!” – grafada em letras laranjas em caixa alta acentuando o tom forte e combatente dos protestos – ganha um efeito de sentido que se associa a um barulho, a um grito, a uma enunciação que vocifera. Tal expressão também se concretiza em meio ao seu equivalente em mapudungun, conforme podemos visualizar na Fig.2 seguinte através do enunciado “Marichiweu!”:

Figura 2 – *Estallido social* no Chile (2019/2020) II



Fonte: www.laciudadcomotexto.cl

Figura 3 – *Estallido social* no Chile (2019/2020) III



Fonte: www.laciudadcomotexto.cl

Já na Fig. 3, selecionamos os enunciados “Wallmapu libre” ao fundo na porta de um estabelecimento e “Camilo Catrillanca” materializado na parte superior do corrimão da escada que dá acesso ao metrô. Ambas as formulações aludem explicitamente ao histórico confronto do povo mapuche com o Estado, na luta pela desmilitarização de Wallmapu e autodeterminação do território, conflito que se materializa hodiernamente através da dicotomia carabineros versus comuneros, na qual o jovem mapuche Camilo Catrillanca foi vitimado.

Figura 4 – *Estallido social* no Chile (2019/2020) IV



Fonte: www.laciudadcomotexto.cl

Figura 5 – *Estallido social* no Chile (2019/2020) V



Fonte: www.laciudadcomotexto.cl

Por falar no comunero que virou símbolo da causa mapuche nos protestos, as Fig. 4 e Fig. 5 enfatizam a distribuição de sua imagem pela paisagem linguística santiaguina. Na Fig. 4, em meio a uma miscelânea de rayados, podemos notar a presença de, pelo menos, três cartazes amarelos pregados nas paredes do estabelecimento “Bar Santiago”. Já na Na Fig. 5, plasmamos em zoom ampliado a foto do comunero, em que se pode ler ainda o termo “marichew!” (“1000 vezes venceremos”), grafado logo abaixo da imagem de Camilo. A materialização desse enunciado abaixo da foto adquire um efeito de sentido de resistência, luta e busca de justiça clamada historicamente pelo povo mapuche diante das políticas estatais.

Figura 6 – *Estallido social* no Chile (2019/2020) VI



Fonte: <www.laciudadcomotexto.cl>

Na Fig. 6 realçamos o enunciado, grafado em letras vermelhas: “(sic) De verdad (rasura) quieres que Chile sea una república PLURINACIONAL?” Indagação seguida de uma resposta em letras pretas: “Sí”, seguido de símbolo (ou emoji) de coração, que parece conferir um sentido de afetividade e empatia à questão da plurinacionalidade que envolve o povo mapuche.

Figura 7 – *Estallido social* no Chile (2019/2020) VII



Fonte: www.laciudadcomotexto.cl

Já na Fig.7 recortamos o enunciado “Newen” fundido à paisagem linguística que significa “força”. Conforme pudemos perceber, a translinguagem entre o espanhol e o mapudungun sinaliza a incorporação da causa mapuche aos presentes protestos, irrompendo contra o Chile ultraneoliberal representado pelo governo Piñera.

Figura 8 – *Estallido social* no Chile (2019/2020) VIII



Fonte: <https://artishockrevista.com/2020/07/05/monumentos-incomodos/>

Por fim, na Fig. 8, visualizamos a estátua do general Manuel Baquedano, figura heroizada da Guerra do Pacífico (1879-1884), que integra a Plaza Baquedano, popularmente conhecida como Plaza Italia e rebatizada durante os protestos de Plaza Dignidad. Na figura acima, ressaltamos certas construções translíngues espanhol-mapudungun, tais como, “Wallmapu libre” e “Newen weichafe (força, guerreiro) que se fundem a outras, como “paco violador” (policial violador), “Estado opresor”, “paco traidor”, “dignidade primero”, “refundar Chile”, dentre outras. Tais construções, plasmadas à estátua do militar construído como herói pela historiografia oficial do Estado-nação, adquirem um efeito de sentido contrahegemônico ao insurgirem contra a ordem estabelecida. Tal gesto contrapedagógico promove uma fissura no monolinguismo oficial ao situar a língua e cultura mapuche, historicamente estigmatizadas e silenciadas, convocando à organização de um novo Chile onde se repense a plurinacionalidade.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES...

Em nossas análises, pudemos observar, por meio da paisagem linguística de Santiago do Chile, que o estallido social de alguma maneira funciona enquanto um processo de revitalização do mapudungun, promovendo agenciamentos translíngues que se constituem como gestos contrapedagógicos em relação à hegemonia monolíngue do espanhol. Além disso, tais protestos conscientizam acerca da plurinacionalidade que atravessa o Chile, o que nos chama a atenção, glotopoliticamente, para as políticas linguísticas levadas a cabo historicamente pelo Estado em direção à promoção da língua nacional em detrimento de outras línguas originárias.

Refletindo também sobre o impulso de um ensino crítico, nossa análise corrobora com a exigência de discussão acerca da perspectiva translíngue – presentes em movimentos sociais – no contexto de ensino/aprendizagem de línguas com o intuito de favorecermos o processo de dissolução de concepções epistemológicas hegemônicas que defendem “uma pureza linguística”, focalizando outros construtos provenientes de situações de contato entre línguas e culturas de maneira preconceituosa a partir de noções de “erro”, “contaminação” e “interferência”. Enxergamos, portanto, a translíngua como uma dinâmica fluída que ao colocar em circulação novas configurações possíveis assim como distintos efeitos de sentidos, instiga a repensar o status quo sobretudo no âmbito das relações entre língua oficial e línguas indígenas.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Trad. D. Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BOURDIEU, P. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. Trad. S. Miceli et. al. São Paulo: Edusp, 2008.

CANAGARAJAH, S. Translanguaging in the classroom: Emerging issues for research and pedagogy. *Applied Linguistics Review*, vol. 2, pp. 1-28, 2011.

CELADA, M. T.; FANJUL, A. P. *Língua e política: conceitos e casos no espaço da América do Sul*. São Paulo: Edusp, 2022.

GARCÉS DURÁN, M. *Estallido social y una Nueva Constitución para Chile*. 1ª ed. Santiago: LOM Ediciones, 2020.

GUESPIN, L.; MARCELLESI, J. B. Defesa da Glotopolítica (1986). In: Savedra, M.; P., T. C.; Lagares, X. C. (orgs.). *Glotopolítica e práticas de linguagem*. Niterói: Eduff, p.11-50, 2021.

LAGARES, X. *Qual Política Linguística? Desafios glotopolíticos contemporâneos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.

LANDRY, R; BOURHIS, R. Linguistic Landscape and Ethnolinguistic Vitality: An Empirical Study. *Journal of Language and Social Psychology*, vol. 16, n.1, 23–49, 1997.

MARIMÁN QUEMENADO, Pablo. *et al.j...Escucha, winka...!Cuatro ensayos de Historia Nacional Mapuche y un epílogo sobre el futuro*. Santiago de Chile, LOM Ediciones, 2006.

MARINHO, P. Estallido social chileno e poética mapuche como práticas translíngues e contrapedagógicas contemporâneas. Campina Grande, UFCG: *Revista Leia Escola*, Vol. 24, n. 2, p. 122-239, 2024. DOI: <http://doi.org/10.5281/zenodo.14053016>

MELLO, A. M. L.; ANDRADE, A. (org.). *Translinguismo e poéticas do contemporâneo*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2019.

ORLANDI, E. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. São Paulo: Ponte, 2000.

PÊCHEUX, M. *O Discurso: estrutura ou acontecimento* [1988]. Campinas: Pontes Editores, 7ª ed., 2015.

ROCHA, C. H. ; MEGALE, A. H. Translinguagem e seus atravessamentos: da história, dos entendimentos e das possibilidades para decolonizar a educação linguística contemporânea. PUC-SP: *DELTA: Documentação De Estudos Em Linguística Teórica E Aplicada*, Vol. 39, n. 2, p.1-32, 2023.

SEGATO, R. *Contra-pedagogías de la crueldad*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018.

VERGARA, J. I.; MELADO, H. La violencia política estatal contra el Pueblo-Nación Mapuche durante la conquista tardía de la Araucanía y el proceso de la radicación (Chile, 1850-1929). *Diálogo Andino* [online], Arica, n. 55, p.5-17, 2018.

VOGEL, S.; GARCÍA, O. Translanguaging. In Noblit, G. & Moll, L., eds., Oxford Research *Encyclopedia of Education*. Oxford: Oxford University Press, p.1-21, 2017.

WEI, L. Moment analysis and translanguaging space: discursive construction of identities by multilingual Chinese youth in Britain. *Journal of Pragmatics*, n. 43, vol. 5, p.1222-1235, 2011.

---. Translanguaging as a Practical Theory of Language, *Applied Linguistics*, Volume 39, Issue 1, p.9–30, 2018.

Submetido em 28 de agosto de 2025
Aceito para publicação em 28 de dezembro de 2025